

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 33 No. 2 Maio – Agosto 2020

ARTIGO

ENTRE DOIS MUNDOS: FRANCESES DE PARATITOU E TUPINAMBÁ DE ROUEN

Angela Buarque*, Thereza Baumann**, Jeanne Cordeiro***, Márcia Barbosa-Guimarães****

RESUMO

Entre Dois Mundos se refere à exposição que se encontrava no Museu Nacional, resultado de pesquisas arqueológicas em Araruama, Região dos Lagos, Rio de Janeiro, com reflexões sobre o contato entre os tupinambá e os franceses que, no século XVI, faziam incursões ao litoral, em busca de produtos tropicais. A materialidade encontrada nos sítios atesta a interação entre os grupos e dialoga com a iconografia produzida por cronistas que descreveram aspectos cotidianos e rituais das populações nativas. Na exposição, estavam expostos vasilhames cerâmicos decorados, urnas funerárias, adornos em concha, metais e centenas de miçangas. Esses artefatos apontam para a continuidade dos aspectos socioculturais, interações, influências recíprocas desde o período anterior e após o contato.

Palavras-chave: exposição; pesquisa arqueológica; contato.

* Doutora em Arqueologia, Pesquisadora Colaboradora do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Antropologia. E-mail: buarque.angela@gmail.com.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2412-3430>.

** Doutora em História Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Antropologia. E-mail: therezabaumannz@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8186-8159>.

*** Mestre em História, Arqueóloga, Diretora-Presidente do Laboratório de Arqueologia Brasileira/LAB. E-mail: jeanne.cordeiro@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9360-9581>.

**** Doutora em Arqueologia, Professora, Universidade Federal de Sergipe.

E-mail: marcia.segal63@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2179-8958>.

BETWEEN TWO WORLDS: FRENCH FROM PARATITOU AND TUPINAMBÁ FROM ROUEN

ABSTRACT

Between Two Worlds refers to the exhibition installed at the National Museum, as a result of archaeological researches in Araruama, Rio de Janeiro. It reflects the contact between the Tupinambá and European peoples that, in the sixteenth century, used to make incursions to the coast in search of tropical products. The materiality found in the sites attests to the interaction between the groups and dialogues with the iconography produced by European chroniclers who described aspects of daily life and rituals of native populations. The exhibition presented pottery vessels, funeral urns, shells adornments, metals and beads. These artefacts point to the continuity of cultural and social aspects, reciprocal influences from the pre-colonial period to their contact and afterwards.

Keywords: exhibition; archaeological research; contact.

ENTRE DOS MUNDOS: FRANCESES DE PARATITOU Y TUPINAMBÁ DE ROUEN

RESUMEN

Entre Dos Mundos se refiere a la exposición que se encontraba en el Museo Nacional, resultado de investigaciones arqueológicas en Araruama, Rio de Janeiro, que reflexionaba sobre el contacto entre los tupinambá y franceses que, en el siglo XVI, hacían incursiones al litoral en busca de productos tropicales. La materialidad encontrada en los sitios atestigua la interacción entre los grupos y dialoga con la iconografía producida por cronistas que describieron aspectos del cotidiano y rituales de las poblaciones nativas. En ella estaban expuestas vasijas cerámicas, urnas funerarias, adornos en concha, metales y perlas. Estos artefactos apuntan a la continuidad de los aspectos culturales y sociales, influencias recíprocas que ocurrieron desde el período pre-colonial hasta el contacto.

Palabras clave: exposición, investigación arqueológica, contacto.

INTRODUÇÃO

O incêndio do Museu Nacional desencadeou em nós um misto de sentimentos: incredulidade, angústia, tristeza, vergonha e raiva. A Instituição se encontrava, naquela ocasião, em situação incomparavelmente menos vulnerável do que em décadas anteriores, quando as fragilidades eram preocupação de todos que ali trabalhavam e estudavam; angústia, por assistir às chamas avançando sem que fossem contidas, claramente pela inoperância, ausência de brigadas de incêndio, pelas condições precárias e falhas nos equipamentos urbanos do entorno, inclusive, hidrantes secos; tristeza, por saber que o acervo material de centenas de pesquisadores, bibliotecas e arquivos históricos haviam sido consumidos; vergonha, por mais uma vez o país virar notícia pela negligência; uma profunda raiva pelo descaso à memória, à educação, à cultura, que continua se alastrando perversamente. A tragédia, além de atingir o prédio histórico estruturalmente, golpeou uma Instituição que abrigava documentos raros e insubstituíveis, coleções de centenas de pesquisadores, cientistas de ontem e de hoje, de diferentes áreas das ciências humanas, naturais e sociais, como arqueologia, antropologia, etnografia, etnologia, linguística, botânica, geologia, paleontologia, zoologia, dentre outras que igualmente perderam documentos, equipamentos, referências de trabalho. Três meses antes do incêndio, em junho de 2018, em uma solenidade comemorativa em que a mais antiga e simbólica instituição do país completava 200 anos, nenhuma autoridade federal, estadual ou municipal compareceu ou se fez representar. Consumado o incêndio, oportunistas se valem grandemente, desde então, do sarcasmo para destilar ódios incontidos e subestimar a importância nacional e internacional da Instituição. O antigo Museu Nacional transformou-se em um sítio arqueológico, e o Resgate (Museu Nacional Vive) nos envolveu a todos, pela esperança em recuperar, ainda que minimamente, parte do seu imenso acervo como afirmação da sobrevivência dessa instituição que é uma das mais importantes da nossa história.

Esse rescaldo de peças representa também, metonimicamente, uma escavação à procura da identidade no meio dos escombros, para buscar nas cinzas não só o passado, mas o futuro do Museu. A escavação em busca do acervo pode, assim, permitir um aprofundamento das raízes, da ressignificação desse acervo. É também, de alguma forma, fazer a arqueologia do imaginário popular no processo de reconstrução do Museu como um símbolo de sentimento nacional. Sentimento esse que foi evidenciado na comoção revelada por milhares de pessoas e expressas sob as mais diversas formas e meios: telegramas, telefonemas, e-mails, postagens nas redes sociais, ofertas de doações de acervo, de recursos materiais ou de trabalho voluntário. Gestos de solidariedade e apoio de instituições, tanto nacionais quanto internacionais, além de milhares de notícias veiculadas pela mídia nacional e internacional (TV, jornais e revistas), todos consternados com a possibilidade de perda do Museu. Diante dessa comoção generalizada, é relevante refletir sobre o lugar que a Instituição sempre ocupou na memória afetiva da sociedade, o quanto esse anseio por sua preservação se origina no inconsciente coletivo pelo reconhecimento do papel do Museu Nacional na construção de uma memória como símbolo da própria nação brasileira. Sua perda representaria, de certo modo, a perda de parte significativa da identidade nacional. O universo museológico se confunde com a própria história política, cultural, científica, social e econômica brasileira (BAUMANN, 2018, p. 11).

O Museu teve seu caráter universalizante, metropolitano e cosmopolita evidenciado, desde sua criação, em 1818, como centro receptor dos produtos das províncias brasileiras, das possessões ultramarinas portuguesas e do intercâmbio cultural e científico com outras nações amigas.

Consiste, desde a sua gênese, no primeiro depositário da história e da própria origem da nação brasileira inserida no “processo civilizatório” inaugurado por D. João VI quando da instalação da Corte no Rio de Janeiro como sede da monarquia e centro do Império (BAUMANN, 2018, p. 12).

EXPOSIÇÃO

A Exposição *Entre dois mundos* foi inaugurada em 06 de junho de 2008, por ocasião da comemoração dos 190 anos do Museu Nacional. Sua execução foi o resultado dos esforços conjuntos do setor de Arqueologia do departamento de Antropologia e da seção de Museologia do Museu Nacional; o projeto museográfico foi elaborado pelo designer Gláucio Campelo (Unidesign), com apoio do Banco do Brasil. Instalada em uma das salas históricas do antigo Paço de São Cristóvão, a Sala dos Embaixadores foi organizada inicialmente como mostra temporária, mas, atendendo a solicitações de visitantes que enfatizavam a importância da sua manutenção, a exposição foi inserida no circuito de longa duração do museu (Figura 1).

Figura 1 – Parte da sala da exposição, com os painéis e peças arqueológicas que dialogavam com as imagens. Foto: G. Campelo (junho de 2008).



Seu título *Entre Dois Mundos* traduz o encontro, no século XVI, entre as culturas europeia e tupinambá e expressa o conceito que orientou a exposição. E, ainda, como o próprio subtítulo sugere, *franceses de Paratitou e tupinambá de Rouen*, reflete o contato, a troca e o intercâmbio entre as duas culturas, a partir das incursões frequentes no litoral do Cabo Frio, tanto em busca de produtos tropicais, quanto em tentativas de instalação de uma colônia em terras brasileiras.

O impacto causado sobre os europeus por esse “encontro” é demonstrado na “Entrada Real” de Henrique II e Catarina de Médicis em Rouen em 1550. O grande espetáculo encenado para recepcionar o rei e sua corte revela o fascínio exercido pelos naturais do Novo Mundo sobre os franceses que frequentavam nosso litoral.

Às margens do Sena, em uma praça arborizada naturalmente plantada, montou-se um grande cenário que tentava reproduzir o Brasil: os espaços vazios foram

artificialmente preenchidos por várias árvores e arbustos para sugerir uma floresta tropical. Papagaios, macacos e outros animais americanos faziam parte dessa “selva”. Simulações de aldeias indígenas cercadas por paliçadas representavam uma calma vida cotidiana. No elenco, cerca de cinquenta indígenas levados do Brasil e trezentos homens nus usavam ornamentos, pinturas corporais, adereços rituais e portavam arcos, flechas e bordunas. Ainda, como figurantes nesse teatro, marinheiros franceses que estiveram em terras brasileiras e conheciam o idioma expressavam-se com gestos e maneirismos peculiares aos nativos. No rio Sena, uma fictícia batalha entre grupos indígenas inimigos aconteceu. O rei e sua corte, segundo testemunhas, ficaram extasiados. Por fim, os organizadores dessa festa receberam o apoio para o estreitamento das relações comerciais com os nativos (DENIS, 2007, p. 47-48).

E por que Paratitou? Uma das escalas registradas pelo cartógrafo de Catarina de Médicis, Jacques de Vau de Claye, em sua representação da laguna Araruama, é “Lescalle de Paratitou”, que, guardadas as ressalvas quanto à precisão dos mapas quinhentistas, a localização é compatível com o bairro Paracatu, toponímia similar ao registro do francês, onde se localiza a aldeia Serrano, com suas peças de resgate¹.

Na exposição, fica demonstrada ainda a manutenção do modo de viver nativo permitido pela abordagem dos franceses às aldeias locais, representadas na mostra, em contraponto à investida portuguesa no Rio de Janeiro, que invade o território em armas e impõe às tribos uma organização norteadas pelas regras da Companhia de Jesus e os Regimentos dos Governadores, a partir de 1549.

O acervo exposto - artefatos de remanescentes pré-coloniais e coloniais (pós-invasão) – era o resultado de anos de pesquisas em sítios arqueológicos de antigas aldeias tupi na Região dos Lagos, Município de Araruama, Estado do Rio de Janeiro.

O objetivo da exposição foi buscar elementos que permitissem refletir sobre continuidades e permanências culturais em ambos os grupos através do tempo, em decorrência do contato. Como o próprio título sugere, a exposição abordava as evidências do escambo, da troca e o intercâmbio entre as duas culturas, a partir das incursões frequentes no século XVI que franceses faziam às aldeias do litoral do Cabo Frio, inicialmente em busca das “riquezas da terra”, produtos tropicais, como o pau-brasil (*Caesalpinia echinata*), além de aves consideradas exóticas (como papagaios e araras), macacos, especiarias e, por último, refúgios, incursões que eram incentivadas e patrocinadas pela coroa francesa (PERRONE-MOISÉS, 2014)².

Nesse sentido, a materialidade encontrada nos sítios arqueológicos e representada nos artefatos expostos atestava a interação entre as duas culturas e dialogava com a iconografia, textos e mapas quinhentistas e seiscentistas produzidos por cronistas, viajantes, missionários, espiões, entre outros, que integravam os expositores, como, por exemplo, os nove painéis verticais que circundavam a sala, iluminando com suas imagens e textos explicativos o conteúdo de vitrines. A iconografia reproduzida é de autoria do flamengo Théodore de Bry (1992), que viveu entre 1528 e 1598. Editor, gravador e ourives, esse artista nunca visitou o Brasil. Todas as suas gravuras foram realizadas a partir das narrativas de Jean de Léry (1994), André Thevet (1997) e, sobretudo, de xilogravuras que acompanharam as crônicas do alemão Hans Staden (1979), que

¹ Para maiores informações sobre o contato entre franceses e Tupinambá nas aldeias da Região dos Lagos, ver CORDEIRO; BUARQUE; TÁBOAS. O sítio Serrano: franceses e tupinambá desconheciam o testamento de Adão II, *Revista de Arqueologia*, v. 32, nº 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v32i2.722>.

² Entre os Tupinambá, a relação com o “outro” era elemento estruturador da sociedade, e era expressa pela guerra, pelo ritual de canibalismo, de vingança e também através da troca e da predação material (CARNEIRO DA CUNHA; VIVEIROS DE CASTRO, 1985, p.191-208; VIVEIROS DE CASTRO, 1986; ALMEIDA, 2010; RIBEIRO; JÁCOME, 2014; NOELLI; SALLUM, 2019).

conseguiu fugir em um navio francês depois de ter estado oito meses como prisioneiro dos nativos, tempo que lhe permitiu vivenciar e fazer sua leitura do cotidiano das aldeias e, em alguns aspectos, ser respaldado pela cultura material proveniente das nossas pesquisas. De Bry os representa segundo os padrões estilísticos europeus, corpos bem torneados obedecendo às proporções clássicas, e nativos com fisionomia claramente europeizada. Não obstante, suas gravuras reproduzem atividades de pesca, caça, guerra, escambo com europeus e sobretudo cenas de batalha, cerimônias e rituais antropofágicos dos tupinambá.

Observando-se as gravuras dos grandes painéis, podiam-se identificar facilmente nas vitrines artefatos correspondentes às imagens, como os vasilhames cerâmicos decorados, tigelas, panelas reaproveitadas como urnas funerárias e adornos em concha. Uma das gravuras reproduzia cenas de escambo nas quais se podiam observar nativos entregando pássaros e animais aos europeus. Embora a cena gravada não mostre, as peças na vitrine correspondente atestam o resultado dessa troca: miçangas verdes, contas azuis³ e objetos de metal de procedência europeia fabricados entre os séculos XV e XVII (Figura 2). Além disso, ainda em uma grande vitrine, uma cota de malha metálica⁴ – peça rara mesmo no século XVI – correspondia a uma cena do painel, detalhe de uma batalha na qual provavelmente um capitão francês portava semelhante proteção. Aliás, Frei Vicente Salvador, em sua *História do Brasil [1500-1627]* (SALVADOR, 1982), ao descrever uma batalha entre franceses, indígenas e portugueses ocorrida nessa região, menciona que um capitão portava uma cota metálica. Seria essa cota a desse senhor que ali morreria?

Figura 2 – Contas azuis e fragmentos de metal resultantes do escambo. Procedência: Sítio Serrano. Fonte: A. Buarque (2009a, 2009b).



Todo o acervo apresentado nessa exposição originou-se de pesquisas arqueológicas realizadas em quatro sítios: no de Morro Grande, que é datado desde 2600 ± 160 anos BP ($2300-2999$ anos cal. BP) até 311 ± 50 e 510 ± 160 BP ($251-731$ anos cal. BP), e nos sítios Serrano, Barba Couto e Bananeiras, que ilustravam o período de contato. Essa escolha foi baseada na contraposição cronológica, como tentativa de demonstrar a manutenção das tradições dos tupinambá e seus ancestrais, mesmo após a invasão europeia, durante o século XVI. No primeiro século da conquista, o litoral entre Pernambuco e Rio de Janeiro

³ Eram seis exemplares de contas azuis produzidas em Veneza desde o final do século XV, entre 1492 e 1600, do tipo “Nueva Cádiz”, tubulares, quadradas, com camadas de cores azul, branco, transparente e preto (DUBIN, 2007, p. 341). No Resgate, ainda em curso, todos os exemplares foram recuperados.

⁴ A montagem especial dessa peça em um manequim de acrílico foi executada pelo Studio Regina Barreto. Ver Figura 4 em CORDEIRO; BUARQUE; TABOAS. O sítio Serrano: franceses e tupinambá desconheciam o testamento de Adão II, *Revista de Arqueologia*, v. 32, nº 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v32i2.722>.

já estava fartamente documentado por cronistas, viajantes e autoridades portuguesas e francesas, o que nos permitiu comparar os dados arqueológicos às crônicas, à iconografia e à documentação. A seleção dos artefatos foi realizada com o objetivo proposto, o de demonstrar a permanência de aspectos culturais e sociais, mesmo após o contato, as interações e influências recíprocas. Infelizmente a quase totalidade desse acervo, que reunia as mais significativas peças cerâmicas encontradas nos sítios arqueológicos de Araruama e que faziam parte da Coleção Tupinambá da Casa de Pedra no Horto Botânico, perdeu-se no incêndio do Museu. Ruiu junto com o teto e o piso da Sala Histórica dos Embaixadores. Desse acervo de valor imensurável, fruto de anos de trabalho de pesquisadores, restam apenas fragmentos resgatados novamente em meio a cinzas e escombros na árdua tarefa de rescaldo agora realizado. Ficou, no entanto, a memória dessa exposição 'Entre dois mundos', que, durante dez anos, encantou o público apresentando o trabalho de nossos pesquisadores, o esplendor do acervo dessa instituição e o testemunho dessas populações nativas – os Tupinambá e seus ancestrais – e de momentos tão significativos dos primórdios de nossa história.

PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS

A ocupação intensa observada no Complexo Lagunar Araruama se deveu não apenas às características biogeográficas existentes, como a planície litorânea, com presença de colinas que oscilam entre 30, 50 e 100m de altitude (PRIMO; BIZEERRIL, 2002), um ecossistema propício ao estabelecimento de aldeias com permanência de longa duração. Tais elevações permitiam uma visão panorâmica do entorno, facilmente observado, uma vez que a região se encontrava ocupada por outras sociedades, algumas inimigas. A predominância de solos arenosos e argilo-arenosos nas planícies, resultantes da sedimentação marinha e aluvionamento dos rios (LIMA, 1965, p. 51), representava uma variável essencial para esse grupo que tinha uma dieta baseada não apenas na exploração de recursos naturais, caça, pesca e coleta, mas também na agricultura.

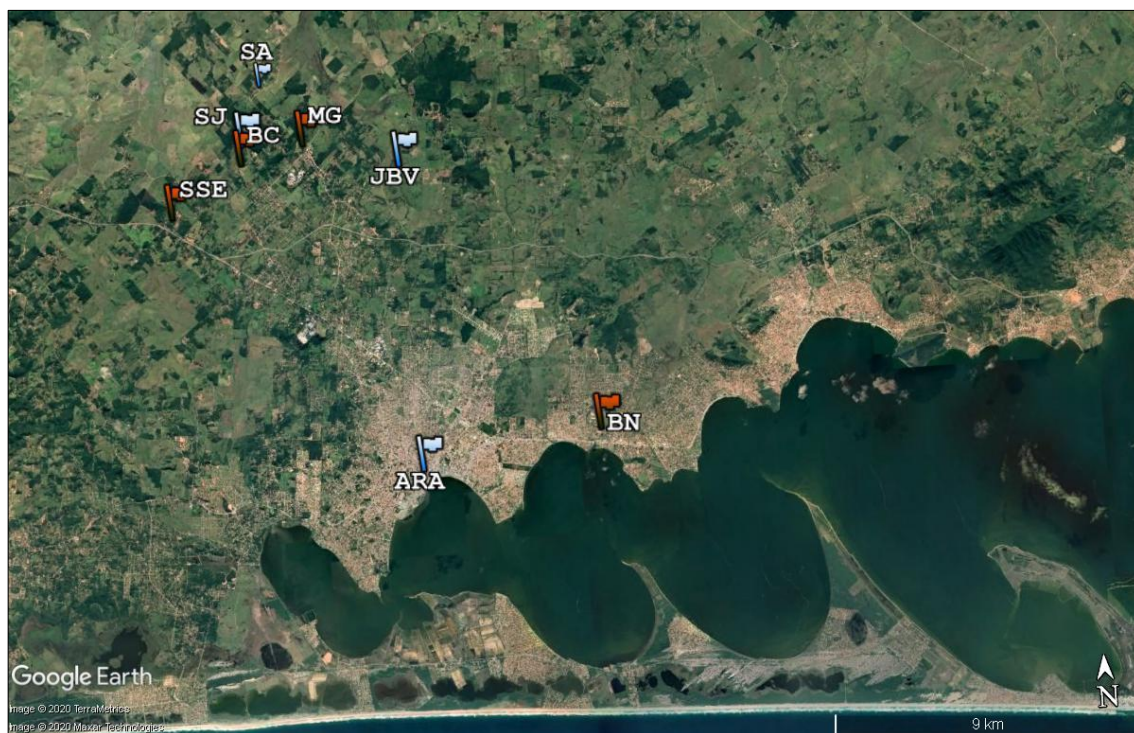
Segundo fontes primárias, fazia parte de seus saberes, a produção de uma série de vegetais, como a mandioca doce (*Manihot utilissima*) ou amarga (*Manihot esculenta*), inhame (*Dioscoreaceae*), batata-doce (*Ipomoea batatas*), abóboras (*Cucurbitaceae*), amendoim (*Arachis hipógea*), milho (*Zea mays*), frutas como abacaxi (*Ananas comosus*), goiaba (*Myrtaceae*), maracujá (*Passiflora edulis*), algodão e fibras obtidas do gênero *Gossypium*, família das Malvaceae, e o tabaco (*Nicotiana tabacum*) (THEVET, 1944, 1983; STADEN, 1974, 1979; LÉRY, 1994; SALVADOR, 1982, 2008). Alguns vegetais eram essenciais para as cerimônias de cauinagem celebradas em diferentes momentos da vida dos Tupinambá: nascimento, cerimônias de iniciação, preparação para a guerra, épocas do plantio e da colheita e morte (NOELLI; BROCHADO, 1998).

Todos os sítios mencionados se encontram nesse ambiente, considerado ideal para a principal raiz cultivada, a mandioca, pois estava presente a ambiência necessária ao cultivo e produção em quantidades suficientes ao sustento das populações, devido ao solo areno-argiloso menos permeável, que permitia a retenção da água durante e após o período das chuvas. A cobertura vegetal, restinga e Mata Atlântica, que permaneceu estável desde 5500 a 1400 BP (SCHEEL-YBERT, 2000), beneficiava a salubridade das aldeias e funcionava como grande reguladora de fontes, riachos, rios e pântanos, considerando a ausência de grandes reservatórios naturais de água doce na região (BUARQUE, 2009a, 2009b). Supomos que a escolha preferencial para se instalarem nas áreas situadas na planície interior, em vez de no entorno da laguna, ou próximo ao mar, pode ter sido a combinação de variáveis que envolvem ainda aspectos sensoriais (PELLINI, 2011), como a incidência da luz solar e a relação de ventos e temperatura, as quais trariam um conforto adicional, pois estariam ao abrigo do vento intenso

preponderante que viria do mar. Ademais, a proximidade de suas roças, pelas condições favoráveis mencionadas acima, traria uma maior proteção, numa época em que o litoral se encontrava densamente povoado, seja por sambaquieiros, que ainda habitavam a zona costeira ou vales dos rios (GASPAR, 2000, 2001; BARBOSA-GUIMARÃES, 2007; GASPAR *et al.*, 2007, p. 169-189), seja pelas populações extremamente belicosas, como os Goitacá (BUARQUE, 2009a, p. 18; CORDEIRO, 2015). Nenhuma aldeia foi encontrada junto ao mar, mas existem registros de cerâmica Tupi nas camadas superficiais de alguns sambaquis a curta distância das aldeias (CORDEIRO, 2011, p. 35), cujas características tecnomorfológicas e decorativas são similares às encontradas em nossas pesquisas. Esses vestígios podem corresponder às narrativas de Staden (1979), Léry (1994) e De Bry (1992) e outros, que mencionam expedições rápidas às praias, partilhadas por homens envolvidos com a pesca, enquanto as mulheres faziam a coleta de mariscos. Aventamos essa possibilidade, uma vez que a restinga que separa o mar da laguna é exígua e em contínuo movimento superficial decorrente da erosão e transporte eólico, que não atenderia às necessidades logísticas de um assentamento populoso para o qual era necessário um vasto espaço para instalação das aldeias.

Como pode ser observado na imagem orbital (Figura 3), a expressiva concentração dos sítios se encontra na planície interior, em destaque na parte central, com distâncias que oscilam entre cinco e dez km da laguna, exceto os sítios Bananeiras (BN), localizado a 500m, e Araruama (ARA), cujos vestígios estão dispersos sob o centro da cidade de mesmo nome. Todos os sítios pesquisados são monocomponenciais, relacionados a grupos vinculados ao Tronco linguístico Tupi.

Figura 3 – Imagem orbital, com a concentração dos oito sítios Tupi na planície interior, Município de Araruama, pesquisados por nossa equipe. Os ícones, em vermelho, referem-se aos que foram abordados na exposição: MG (Morro Grande), BC (Barba Couto), SSE (Serrano) e BN (Bananeiras). Elaborado por J. Cordeiro no *Google Earth* (2015).



Nas imediações, encontram-se outras quatro áreas: à esquerda, o Complexo Lagunar de Siquarema, e à direita, as demais, Arraial do Cabo, o litoral de Cabo Frio, São

Pedro d'Aldeia e Búzios, e as bacias dos rios São João e Una. São regiões com grande concentração de sítios vinculados a diferentes populações nativas que possuíam formas de organização do espaço, aspectos sociais e culturais, atividades cotidianas e rituais inconfundíveis: são numerosos sambaquis construídos por pescadores-coletores que foram “soberanos da costa” há mais de seis mil anos até o início da era cristã (KNEIP, 1994; KNEIP; MACHADO, 1993; GASPAR, 2000, 2001; BARBOSA-GUIMARÃES, 2007, 2011; GASPAR *et al.*, 2007, p.169-189). Em alguns desses sítios foram encontrados vestígios Tupi, no entanto sem registro de grandes aldeias, como as existentes na planície interior a que nos referimos anteriormente. Ademais, a área se configurava uma fronteira étnica histórica, entre os tupinambá e os ceramistas da Tradição Una, associados ao tronco linguístico Macro-Jê. O sítio Grande do Una, cujo nome deu origem à Tradição, e o mais intensamente pesquisado, está localizado no município de Cabo Frio, a menos de dois quilômetros de distância do limite intermunicipal, e é datado de 920 ± 60 AP. Segundo Jeanne Cordeiro, trata-se de uma aldeia Goitacá e retrata um modelo para as ocupações desse tipo no litoral do Rio de Janeiro (CORDEIRO, 2015, p. 47-65). Contudo, outros sítios associados à tradição Una, com assentamentos mais recentes, estão ainda mais próximos, como os sítios Frexeiras e Sapeatiba (CORDEIRO, 2011).

O fato de o arqueólogo que trabalha com a pré-história não poder contar com os atores sociais em cena faz da cultura material sua fonte primária, e, nas regiões tropicais, pela difícil e frágil conservação da matéria orgânica, a cerâmica tem sido o elemento diagnóstico privilegiado, a principal fonte de conhecimento arqueológico para retratar aspectos cotidianos e cerimoniais, inclusive rituais funerários.

Entre os Tupinambá, de acordo com relatos e a iconografia das crônicas, sabe-se que a madeira era profusamente usada nas aldeias, seja na construção de casas, canoas, tacapes, arcos e flechas, nos paus de fogo, paus de cavar, no maracá, com uso restrito, atribuído ao contato com os espíritos, no bastão cerimonial (*ibirapema*), destinado à execução do inimigo. Todos esses objetos de difícil preservação apenas em circunstâncias excepcionais se conservaram, sem falar na exuberante arte plumária que temos acesso tão somente em museus, a maioria deles fora do Brasil. A acidez do solo compromete a preservação dos materiais orgânicos em grande parte das áreas tropicais e em nossa região não foi diferente⁵.

Todo o acervo apresentado nessa exposição teve origem em pesquisas arqueológicas realizadas há anos na região do Complexo Lagunar de Araruama. Foram escavados oito sítios, Morro Grande (MG), Serrano (SSE), Bananeiras (BN) e Barba Couto (BC), abordados na exposição Entre Dois Mundos, além de São José (SJ), Santo Agostinho (SA), Jardim Bela Vista (JBV) e Araruama (ARA) (BUARQUE, 1999, 2009a, 2009b, 2010; BUARQUE *et al.*, 2003; GASPAR *et al.*, 2007; SCHEEL-YBERT *et al.*, 2008; CORDEIRO *et al.*, 2019). São aldeias que variam de dois hectares (Barba Couto, Bananeiras, Jardim Bela Vista, São José, Santo Agostinho), oito hectares (Serrano), ou maiores, como a de Morro Grande, a mais intensamente escavada até então, possuindo cerca de 130m². Situada em zona urbana, a sete km da laguna de Araruama, seus vestígios arqueológicos são encontrados em um simples caminhar pelas estradas ou pelo arruamento, na praça, nos quintais das casas, no pátio da igreja ou da escola municipal. Suas dimensões correspondem aproximadamente às do vilarejo atual, cerca de doze hectares.

As pesquisas em Morro Grande recuaram sensivelmente a chegada dos grupos Tupi à costa do Rio de Janeiro (Tabela 1), (SCHEEL-YBERT *et al.*, 2008; BUARQUE, 2009a, 2009b), com informações que instigam debates sobre temporalidades, dispersão, práticas

⁵ Análises de sedimentos (EMATER-RIO), provenientes das escavações, para avaliar o Ph indicaram, na maioria dos sítios, alto grau de acidez, com valores entre 5,0 e 5,5.

funerárias, mobilidade a grandes distâncias, estudo dos grafismos, morfologia e características estilísticas dessas populações (DIAS; PANACHUK, 2008; PROUS, 2010; BUARQUE, 2009a, 2009b, 2010; LIMA, 2010; MAGESTE, 2017; NOELLI *et al.*, 2018). Ainda que a datação mais antiga seja questionada pelo fato de estar isolada em relação aos demais sítios da região sudeste com datadas recuadas, argumento que consideramos relevante (CORRÊA, 2014, p. 206; CORRÊA, 2017, p. 379-406), acreditamos que novas pesquisas regionais e releitura de dados podem trazer aportes significativos para o melhor conhecimento desses ceramistas e agricultores, de provável origem amazônica, que ocuparam partes expressivas do território brasileiro em ambientes diversificados, seja nas planícies litorâneas ou no interior, no cerrado ou na caatinga (ETCHEVARNE, 2009, p. 111-130).

Tabela 1 - Cronologia dos sítios pesquisados em Araruama

Sítios	Idade Convencional BP	Resultados Calibrados 2 sigma BP	Laboratório	Referência Bibliográfica
Morro Grande	2920 ± 70 BP (C14)	2839-3211	Gif-sur-Yvette-11045, França	Beauclair <i>et al.</i> (2009) Scheel-Ybert <i>et al.</i> (2008), Buarque (2010)
Morro Grande	2600 ± 160BP (AMS)	2300-2999 cal. BP	Plid-0688 PrimeLab, Purdue University, USA	Macario (2003), Buarque <i>et al.</i> (2003), Buarque (2009a), Buarque (2009b), Buarque (2010)
Morro Grande	1740 ± 90 (AMS)	1394-1817	Beta Analytic-84333, USA	Buarque (1995, 1999, 2009a, 2009b, 2010)
Morro Grande	315 ± 50 (TL)	265-365	UFF	Latini (1998)
Morro Grande	510 ± 160BP (AMS)	251-731	Plid-000686	Macario (2003)
Serrano	Antes do contato até a segunda metade do XVI	Datação Relativa		Buarque; Cordeiro, (2003), Buarque (2009b), Cordeiro <i>et al.</i> (2019)
Bananeiras	1420 - 1510 AMS	530-440 cal. BP	Beta-171160	Buarque <i>et al.</i> (2003), Buarque (2009b)
São José	282 (TL)			Latini (1998), Buarque (2009b)
JBV	Século XVI	Datação Relativa		Buarque (2009b)
Barba Couto	Final do século XV até a segunda metade do XVI	Datação Relativa		Buarque (2009b)

Os remanescentes de Morro Grande (MG) serviram como parâmetro comparativo em relação à materialidade dos demais sítios, é a maior dentre as aldeias, a mais intensamente pesquisada, e foi reocupada ao longo do tempo, em diferentes intervalos, que vão desde, pelo menos, 2600 ± 160 (MACÁRIO, 2003) até 315 ± 50 (265-365) (LATINI, 1998). Soma-se a isso, a importância do acervo em relação às estruturas funerárias, geralmente associadas a fogueiras (BEAUCLAIR *et al.*, 2009), aos milhares de fragmentos minuciosamente recompostos que resultaram em peças semi-inteiras e

inteiras⁶ de uso cotidiano e ritual, aos mais variados motivos identificados e desenhados (BUARQUE, 1999, 2009a, 2009b, 2010; PROUS, 2010). Por último, mas não menos importante, o fato de a materialidade, considerando sua larga cronologia, apontar para a “persistência das mesmas linguagens e formas de fazer e usar as vasilhas para determinadas funções”⁷.

A cultura material predominante nos sítios pesquisados refere-se à cerâmica para uso cotidiano e ritual, com análise de mais de vinte e cinco mil fragmentos, vasilhas semi-inteiras e inteiras. São vasilhas com uma diversidade de formas e dimensões que se destacam pela policromia, nas cores vermelha, marrom ou preta sobre engobo branco ou bege. São tigelas circulares, elípticas, quadradas ou retangulares pintadas com esmero. Produzidas pelas mulheres que as elaboravam, “com motivos preferenciais para cada campo” (PROUS, 2010, p. 165-169), em formas geométricas, formando desenhos serpentiformes, gregas, bastões, ondas, linhas meândricas; a banda vermelha onipresente, única, dupla ou tripla, delimita a separação entre o corpo e a borda nas peças policromadas. Se o tratamento da superfície é plástico, as oleiras utilizavam técnicas como alisamento simples, corrugado, escovado, digitado, espatulado, inciso e ungulado, para citar apenas as mais frequentes, e raramente combinadas. Deixaram transparecer a exuberância do universo simbólico, as preferências e talentos individuais e transmitiram seus conhecimentos geração após geração. A decoração era resultante de escolhas bem definidas que se prendiam à forma e função para a qual a peça seria produzida.

No inventário material dessa exposição, havia um conjunto formado por uma panela piriforme comumente utilizada para aquecer o cauim, coberta por outra de formato tronco-cônico, usada no preparo de alimentos, ambas com decoração corrugada, que foram reutilizadas como urna e tampa funerária (Figura 4). Elas estavam associadas a vasilhas policromadas, duas elípticas e uma redonda, pintadas com pigmentos minerais, que faziam parte de uma das estruturas encontradas em Morro Grande (BUARQUE, 2010, p. 160). Também proveniente do mesmo sítio, um prato oval de uso coletivo, em que o motivo geométrico em grega, na cor preta, contornava a parte central do corpo da peça, destacando elementos em vermelho que lembram partes anatômicas (Figura 5). Ao analisar a pintura na cerâmica tupiguarani, André Prous se refere a essa peça⁸ que apresenta uma “figura ordenadora, preenchida por linhas quebradas ortogonalmente” (PROUS, 2010, p.162). Outro detalhe sobre tal pintura era destacado no texto que acompanhava o desenho, pela similaridade entre o motivo em grega e duas cenas de De Bry (1992, p. 120-121) que compunham os painéis: na primeira, uma mulher desenhava a “ibirapema”, na outra, a arma era usada pelo guerreiro para atingir o inimigo. Eram cenas ligadas à antropofagia, um dos temas que mais impactou os cronistas, os quais a descreveram com riqueza de detalhes, mas cujos indícios nos sítios arqueológicos são tênues (BUARQUE, 2009a, 2009b). O conjunto cerâmico exposto ilustrava as cenas em que as mulheres expressavam suas dores pela morte de um familiar, denominadas pelos cronistas como “saudação lacrimosa”, enquanto o morto era enterrado em urna funerária.

⁶ A recomposição das vasilhas foi realizada, com esmero, por Teresa Portella.

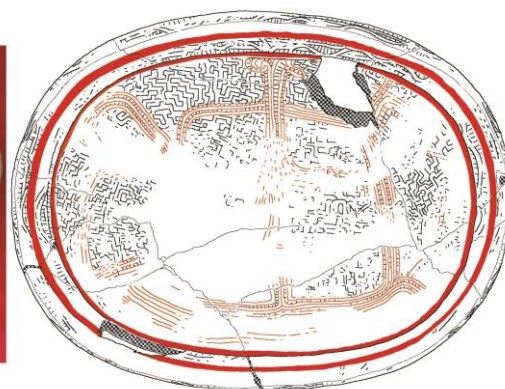
⁷ Segundo as palavras de Francisco Noelli, comunicação pessoal.

⁸ No artigo, Prous se refere à peça como a de nº 8, incluída também no Catálogo digital.

Figura 4 – Peças originalmente usadas para o preparo de alimento e do cauim, encontradas em contexto arqueológico como urna funerária. Aldeia de Morro Grande.
Fonte: A. Buarque (2009b).



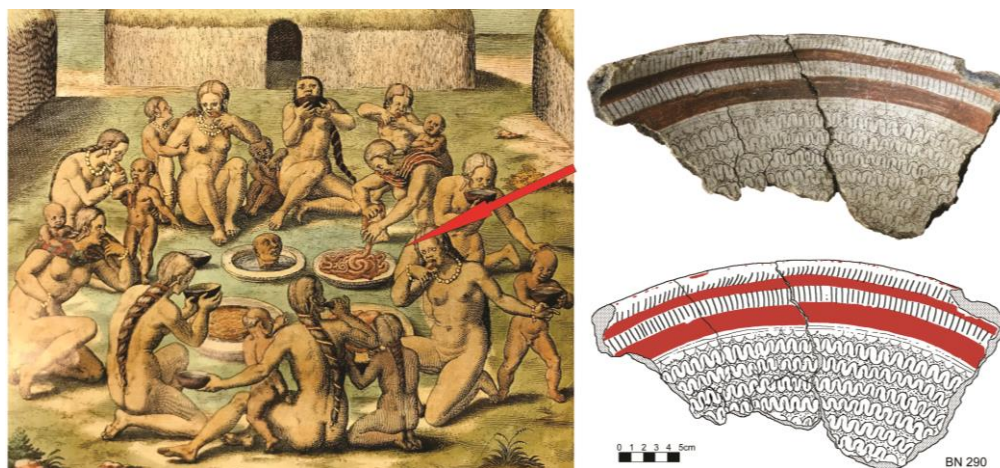
Figura 5 – Prato pintado de uso coletivo, com motivo similar ao do desenho da “ibirapema”. Aldeia de Morro Grande. Fontes: A. Buarque (2009a, 2009b). Desenho de W. Borba.



A morte do inimigo era uma das mais importantes cerimônias de iniciação entre os Tupinambá, era a maneira de o jovem se tornar uma pessoa plena, pois, sem matar um guerreiro, o indivíduo não existia, não podia se casar ou ter filhos, era obrigado a ganhar um nome, a se iniciar como adulto sobre a cabeça dos contrários (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 648-658). Ainda sobre o tema da antropofagia, ressaltávamos a importância feminina nesses rituais, seja na preparação dos recipientes cerâmicos e do cauim, ou após a execução do inimigo, na distribuição da carne dentre os participantes, reservando as vísceras para serem consumidas pelas mulheres e crianças (STADEN, 1979, p. 182). Thevet (2006, p. 184) descreve, em detalhe, o envolvimento das mulheres que produziam e pintavam vasilhas especialmente para recolher o sangue e as vísceras, com os quais elas preparavam seus mingaus. Em relação à existência desses recipientes cerâmicos, incluímos na exposição um fragmento de uma tigela pintada do sítio

Bananeiras, cujo desenho, em ondas, lembrava as vísceras que nos remetiam à imagem de De Bry (1992, p. 124), que procurou fidelizar a narrativa dos cronistas (Figura 6). Se essas peças têm alguma relação com esse tipo de ritual, é uma questão instigante, todavia em aberto.

Figura 6 – Imagem de De Bry (1982, p. 142) que ilustrava o fragmento e o desenho do motivo decorativo. Aldeia Bananeiras. Fonte: A. Buarque (2009a, 2009b), desenho de W. Borba (2008).



O período que nosso acervo contempla inclui sítios arqueológicos datados desde dois mil anos até a segunda metade do século XVI e indica que as populações Tupi dessa região, apesar de terem tido contato com materiais europeus, não obstante, permaneciam fazendo uso de suas vasilhas, no espaço doméstico ou ritual; suas cerâmicas e seus usos permaneceram intocados, como acentua Brochado (1991, p. 42). Os aspectos formais das peças (borda, corpo e base) indicam que elas foram definidas tradicionalmente e permaneceram mesmo após o contato, como sinalizam a cultura material dos sítios pesquisados e a iconografia nas crônicas seiscentistas, que nos permitem compará-las. Ademais, pesquisas vigorosas realizadas por Noelli *et al.* (2018, p. 167-200), que envolvem análises de milhares de vasilhas cerâmicas e etnográficas, comparadas aos registros linguísticos, nos reafirmam que a persistência das práticas e da materialidade ocorria entre vários povos Tupi.

É provável que a ocupação às margens da laguna tenha sido recente, essa era a hipótese levantada quando iniciamos as primeiras prospecções na região, em 1993, seja pela intensa concentração de grupos no litoral, seja pelas condições mais apropriadas para um grupo com as características já descritas. A datação da Aldeia Bananeiras⁹, nos primeiros anos do contato, 530-440 anos BP¹⁰ (cal. AD 1420/1510 e cal. AD 1600/1620), traz dados em apoio à nossa suposição.

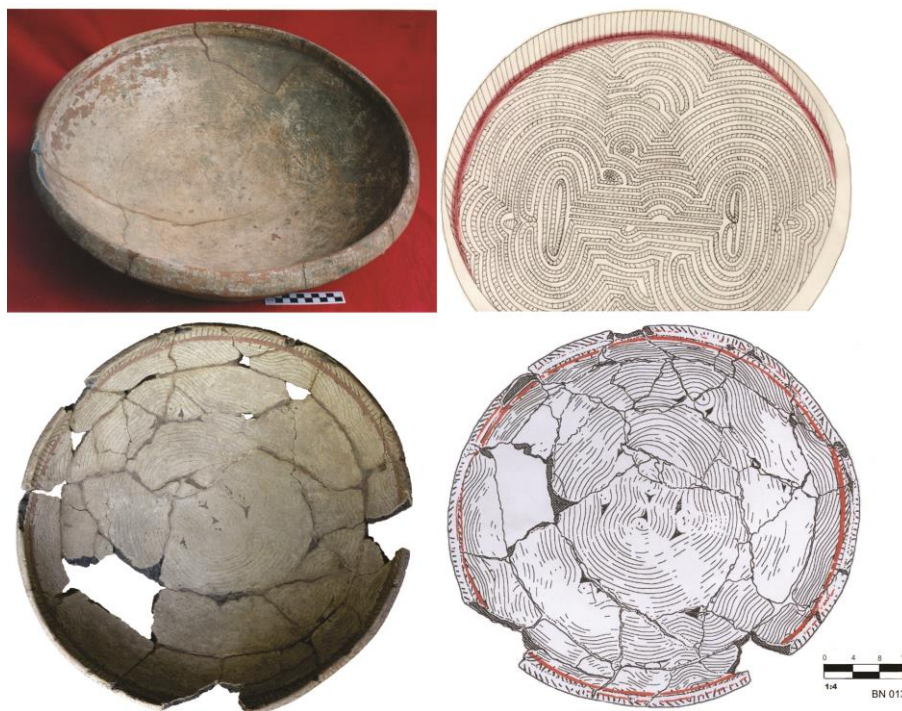
O sítio está implantado em área densamente povoada, o que impediu ampliar a área escavada e obter dados mais precisos. Além disso, está localizado nas imediações da laguna Araruama, aspecto claramente definido em sua estratigrafia, pelas camadas naturais de conchas, que possibilitaram o único registro na região de um esqueleto feminino completo e em posição anatômica (BUARQUE *et al.*, 2003). Associados ao sepultamento foram encontrados dois pingentes feitos de gastrópodes (*Strombus costatus*),

⁹ Sítio localizado no Parque Novo Horizonte, Avenida Beira Rio 305, Araruama. Coordenadas geográficas 22°51'54,1" S e 42°17'06,9" O (Córrego Alegre 23 K 778547 UTM 7468815). Identificado na Figura 3 pela sigla BN.

¹⁰ Laboratório Beta-171160.

ratificando informações que fazem referência ao enterramento “de suas joias e metaras, para que as não veja ninguém, nem se lastime...” (CARDIM, 1980, p. 94). A estrutura funerária era similar às de Morro Grande, que são relacionadas aos momentos mais antigos, devido ao seu arranjo, à morfologia e decoração das peças, além da simetria nos desenhos que ornavam a face interna das vasilhas e dos traços geométricos na borda (Figura 7). Esses são elementos que indicam permanências que certamente compõem o inventário tecnológico que está nas raízes desses grupos (Figura 8).

Figura 7 – Tigelas pintadas e os motivos decorativos. Acima, Aldeia Morro Grande, desenho Elô Rangel. Abaixo, Aldeia Bananeiras, desenho de W. Borba (2008).
Fontes: A. Buarque (2009a, 2009b).



O painel de De Bry que acompanhava essa urna difundia a imagem de nativos atormentados por demônios, ou espíritos do mal, *Aygnan*. Era comum o uso de fogueiras circundando as sepulturas nos rituais funerários, com a função de presumivelmente espantar espíritos do mal (THEVET, 1983; LERY, 1994).

Figura 8 – Urna funerária e um dos adornos encontrados junto ao esqueleto feminino. Aldeia Bananeiras. Fonte: A. Buarque et al. (2003, p. 43).



A Aldeia Serrano¹¹, datada relativamente de um período imediatamente anterior ao contato até a segunda metade do XVI, situa-se a 2 km da laguna Araruama, na localidade de Paracatu, implantada em terreno arenoso nas imediações de riachos e vegetação de restinga e resíduos de Mata Atlântica. É uma área rural, com poucas residências e pomares, e os vestígios arqueológicos se distribuem numa área que corresponde a oito hectares, dos quais foram escavados 300m². No entanto, o impacto destrutivo nesse sítio foi decorrente da exploração de areias empreendida pelos proprietários (BUARQUE, 2009b, p. 119-135). Sua implantação na paisagem, a estratigrafia, características da cultura material não diferem dos demais sítios pesquisados, exceto pela ocorrência de peças de resgate, obtidas em troca de produtos tropicais, em especial, da ibirapitanga. Eram metais, louças, cerâmicas e miçangas, muitas miçangas. Em uma narrativa feita por Léry (1980, p. 120), nota-se o quanto as contas eram desejadas:

(...) quando íamos as suas aldeias ou vinham ao nosso fortim, apresentavam-nos frutas e outros produtos da terra propondo trocá-los por tais “missangas” e nos lisonjeavam dizendo... francês tu és bom, dá-me os braceletes de conta de vidro. O mesmo faziam para obter pentes, espelhos e outras mercadorias que lhes agradavam (LÉRY, 1980, p. 120).

Importante observar que a atração que os nativos tinham por adornos antecede em muito à chegada dos europeus. São inúmeros os registros arqueológicos em que colares, pingentes, ornamento labial, como tembetá, (BUARQUE, 2009b, p. 244), feitos de matérias-primas diversas, são encontrados nos enterramentos de grupos como sambaquieiros, da tradição Una ou Tupi. Esses instrumentos eram feitos de sementes, pingentes em conchas, bivalves ou gastrópodes e dentes de felinos (CORDEIRO, 2011, p. 50-51). Como ressalta Lagrou (2013, p. 21), o gosto nativo pelos colares fez com que as miçangas de vidro trazidas pelos europeus caíssem em solo fértil. Foram reelaborações sobre um tema que lhes era familiar (VELTHEM, 2002). Podemos considerar que o desejo pela apropriação de bens tecnológicos e inovações, como as ferramentas de metal ou as miçangas de vidro, estava vinculado à lógica de suas alteridades e cosmologia. Era a forma de se relacionarem com o “outro”, não significando perda, mas persistência cultural (NOELLI; SALLUM, 2019, p. 709).

Se considerarmos o universo da cultura material analisada nesse sítio, em torno de seis mil fragmentos cerâmicos, não existem indícios nos vasilhames, seja na morfologia ou nos aspectos decorativos, de vestígios de alterações que possam ser decorrentes da troca entre os dois grupos. A presença de algumas alças e asas, apêndices ausentes nos sítios anteriores ao contato na região, não é incluída nesse contexto. Consideramos que essa ocorrência esteja relacionada a um período posterior, após os ataques dos portugueses, com a participação de populações nativas aliadas, como tupiniquim e carijó, para a expulsão dos franceses e seus aliados tupinambá, concretizada em 1567. Há indícios consistentes sobre a permanência de parte desses nativos aliados dos portugueses na Aldeia de Morro Grande após o episódio relacionado ao massacre dos tupinambá (BUARQUE, 2009a, 2009b).

Além de enfatizar que estamos tratando dos primeiros anos do século XVI, sabe-se que os franceses, a princípio, intervinham pouco entre as populações nativas, sem pretensão de dominá-los e nem de fazê-los escravos. Eram representados pelos “*truchements*”, que eram deixados nas praias para “tratar” o escambo do pau-brasil. Esses franceses integravam-se aos grupos e conviviam nas aldeias aprendendo sua cultura, a

¹¹ Coordenadas 22°47'57" S e 42°24'07" O (Datum horizontal Córrego Alegre UTM 076687 e 7476302). Está identificado na Figura 3 pela sigla SSe.

fim de melhor se relacionarem. Segundo Thevet (1944, 1983) e Léry (1980, 1994), esses homens assimilavam tanto os costumes nativos que, além de andarem nus, praticavam a antropofagia. A pouca intervenção pode explicar, em parte, a inexistência de inovações nos materiais cerâmicos, mas não é essencial. A cerâmica dos tupinambá e seus ancestrais teve longa duração nos sítios de Araruama, em um período superior a dois mil anos, se considerarmos a cronologia de Morro Grande. Ela é expressa nos contornos das vasilhas, em seus aspectos tecnológicos relativos à confecção dos potes, às práticas de queima e aos elementos decorativos, ainda que nesse aspecto ocorram variações que podem ser creditadas à criatividade e habilidades individuais. As permanências tecno-decorativas podem estar relacionadas à transmissão dos saberes das ceramistas, que eram passados de geração em geração, porque pertenciam a fatores intrínsecos dessas populações (NOELLI; SALLUM, 2019, p. 711).

Nesse sítio também são raros os dados bioantropológicos, em decorrência da acidez do solo. Nas três dezenas de sepultamentos encontrados em urnas, somente metade da ossatura de um deles remanesceu e apresentava indícios de enterramento primário, devido à posição dos fêmures e tíbias em relação ao crânio (BUARQUE, 2009b, p. 309). Já nos demais restaram esmaltes dentários. O sítio Serrano foi representado na exposição através de objetos que simbolizam o encontro efetivo entre os dois mundos. São exemplos as peças de metal e diferentes tipos de contas azuis, além da cota metálica¹² já mencionada, a qual até o momento foi a única encontrada em um sítio arqueológico no Brasil (BUARQUE, 2009b, p. 128-129; CORDEIRO, 2011, p. 101). Localizada no momento em que iniciamos o Resgate, tem seções bastante comprometidas e se encontra em fase de higienização (Figura 9).

Figura 9 – Higienização da cota metálica em laboratório do Museu Nacional. Foto A. Buarque.



¹² A presença da cota metálica e detalhes sobre o contato nesse sítio são abordados por CORDEIRO; BUARQUE; TÁBOAS. O sítio Serrano: franceses e tupinambá desconheciam o testamento de Adão II, *Revista de Arqueologia*, v. 32, nº 2, 2019. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v32i2.722>.

O sítio Barba Couto¹³, localizado também na planície interior, faz parte de uma propriedade rural, com boas condições de preservação. Seus vestígios arqueológicos se dispersam por uma área, ainda não muito precisa, em torno de, no mínimo, um hectare, considerando algumas estruturas e vestígios visíveis na superfície. As pesquisas foram feitas pontualmente, em dois *loci*, em cerca de 60m², com o salvamento de duas estruturas para evitar a perda de material e de contexto (BUARQUE, 2009b, p. 162-171). Preliminarmente o sítio se insere na mesma faixa cronológica do Serrano, entre as décadas de 1500-1580, com o material cerâmico, em estratigrafia, mantendo as mesmas características tecnológicas, sem indícios de mudanças. No *locus* 1, foram exumadas duas urnas funerárias, que mantinham configuração similar a tantas outras na região, com tigelas dispostas no entorno. Ressaltamos a que continha mais de quatrocentas miçangas verdes, que foram preliminarmente denominadas “*donuts*”, apesar de suas proporções minúsculas. São cilíndricas, esféricas e medem, em média, 5 mm de circunferência, por 1mm de espessura. Essas contas, parte expostas na vitrine com outros objetos resultantes do escambo, tinham sido ressignificadas como acompanhamento funerário em uma urna carenada, corrugada, em substituição aos tradicionais colares de conchas e ossos (Figura 10).

Figura 10 – Urna funerária e parte das centenas de miçangas verdes que compunham um colar. Aldeia Barba Couto. Foto: Luiza Vinhosa (2018, p. 129).



Na exposição, apresentamos alguns aspectos da materialidade de sítios pré e pós-contato, ocupados por populações Tupi as quais mostravam atividades, práticas e hábitos cotidianos e rituais que ficaram cristalizados na morfologia de suas peças. Percebe-se, na

¹³ Coordenadas 22° 47' 22.70" S e 42° 22' 56.17" O, localizado a 2 km da Aldeia de Morro Grande e de vários outros sítios. Está identificado pela sigla BC, na Figura 3.

longa duração, a permanência das formas dos seus vasilhames tradicionais, ainda que desejassem as mercadorias que lhes agradavam, como as miçangas e contas para seus braceletes, e o metal e o espelho, como registram Léry (1980) e Cardim (1980). Os objetos foram inseridos, incorporados e ressignificados, sem indícios de submissão aos franceses, pelo menos naquele primeiro momento.

No entanto dados históricos de trágicas consequências precisam ser lembrados. Como reação à ocupação francesa, veio a reação portuguesa, e as populações Tupinambá dessa região foram violentamente dizimadas pelas guerras de conquista. Em 1575, comandados por:

Antonio Salema, Cristovão de Barros, 400 portugueses e 700 índios aliados, que se dirigiram em direção à região para combater os franceses, conseguiram expulsá-los. Nessa ocasião, 2000 nativos foram mortos ou submetidos à escravidão. Episódio conhecido como Massacre dos Tupinambá, é considerado um dos eventos mais sangrentos da história do Brasil do século XVI (SALVADOR, 2008; SOARES DE SOUZA, 1971, p. 107).

Diante da guerra, ou de doenças, os que conseguiram sobreviver fugiram para o interior ou terminaram reagrupados em aldeamentos sob a jurisdição dos padres da Companhia de Jesus. Os aldeamentos de São Lourenço (Niterói), São Barnabé (Macacu), São Francisco Xavier (Itaguaí) e São Pedro de Cabo Frio foram alguns dos destinos encontrados pelos sobreviventes “do Cabo Frio” (SALVADOR, 1982, p. 188). Nesses aldeamentos, é possível encontrar as conexões que explicam a manutenção de tecnologias nativas e a releitura de motivos, observados em acampamentos do século XVII, ou posterior, como a tralha doméstica nativa encontrada em sítios na região central do Rio de Janeiro.

O incêndio do Museu foi mais uma destruição de registros de nosso período pré-colonial e posterior que ocorre devido ao desprezo com que são tratados nossos bens naturais e culturais. Vemos essa atitude acelerar em tempos de crise, mas também observamos e constatamos que tem raízes no comportamento público/administrativo, infelizmente presente no curso da História do Brasil.

O Resgate, esse esforço coletivo de profissionais e especialistas do Museu Nacional e de voluntários, representa mais uma vez o compromisso de cidadãos com os conhecimentos e saberes pretéritos e presentes, com os valiosos registros materiais e imateriais que foram construídos e transmitidos à população brasileira e a visitantes estrangeiros por séculos, pelo incansável comprometimento e dedicação àquilo que tanto prezaram e preservaram. Pela dimensão do trágico acontecimento, esperamos que o incêndio seja um alerta, uma tomada de consciência sobre a necessidade de zelar pelos nossos acervos. O Museu Nacional agora é objeto de todos os profissionais envolvidos com a construção/reconstrução/restauração desse bem que é de todos nós e tão caro à Humanidade.

AGRADECIMENTOS

Ao Banco do Brasil, pelo apoio ao projeto museográfico. Agradecemos especialmente à Teresa Portela, pelo incansável e primoroso trabalho de restauração que possibilitou transformar milhares de fragmentos em peças do cotidiano e dos rituais dos Tupinambá e seus ancestrais. As vasilhas de Morro Grande, aqui apresentadas nas figuras 4, 5, 7 e 8, passaram pelas suas mãos. Os agradecimentos são igualmente extensivos à Elô Rangel, que se lançou no labirinto dos motivos pintados, recuperando manualmente os gestos e traços das oleiras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. *Os índios na História do Brasil*. Rio de Janeiro, Editora FGV, Coleção FGV de Bolso. Série História, 2010.
- BAUMANN, Thereza. O Museu Nacional Vive? *Figura: Studies on the Classical Traditions*. 6(2), p. 11, 2018.
- BARBOSA-GUIMARÃES, Márcia. *A ocupação pré-colonial da Região dos Lagos, Rio de Janeiro: sistema de assentamento e relações intersociais entre grupos sambaquianos e grupos ceramistas Tupinambá e da Tradição Una*. Tese (Doutorado em Arqueologia) -. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 358p. 2007.
- BARBOSA-GUIMARÃES, Márcia. Mudança e Colapso no Litoral Fluminense: os sambaquieiros e os outros no Complexo Lagunar de Saquarema, Rio de Janeiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Universidade de São Paulo, v. 21:71-91, 2011.
- BEAUCLAIR, Mariana; SCHEEL-YBERT, Rita; BIANCHINI, Gina Faraco; BUARQUE, Angela. Fire and Ritual: bark hearths in South-American Tupiguarani mortuary rites. *Journal of Archaeological Science* 36, p. 1409-1415, 2009.
- BROCHADO, José Proenza. What did the Tupinambá cook in their vessels? An Humble contribution to ethnographic analogy. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 6:40-88, 1991.
- BUARQUE, Angela. Uma Aldeia Tupinambá em Morro Grande. *Anais da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Porto Alegre, v. 2, p. 207-220, 1995.
- BUARQUE, Angela. A Cultura Tupinambá no Estado do Rio de Janeiro, In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1999. p. 307-320.
- BUARQUE, Angela. Pesquisas arqueológicas em sítios Tupinambá, In: LOURES DE OLIVEIRA, Ana Paula de Paula (Org.). *Estado da Arte das Pesquisas Arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani*. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, p. 37-63, 2009a.
- BUARQUE, Angela. *Étude de l'occupation Tupiguarani dans la région sud-est de l'État de Rio de Janeiro, Brasil*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Université Paris I, Panthéon-Sorbonne. 2009b.
- BUARQUE, Angela. As estruturas funerárias das aldeias Tupinambá da região de Araruama, RJ. In: PROUS, André; ANDRADE LIMA, Tânia (Eds.), *Os ceramistas Tupiguarani*, Vol. 3 (Sínteses Regionais), IPHAN, Gráfica Editora Sigma LTDA, p. 149-172, 2010.
- BUARQUE, Angela; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia; SILVA, Elizabeth Christina. Programa Funerário dos Tupinambá em Araruama, RJ - Sítio Bananeiras. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, Museu de Arqueologia e Etnologia, USP, p. 39-55, 2003.
- BUARQUE, Angela; CORDEIRO, Jeanne. O Sítio Serrano: Franceses e Tupinambá desconheciam o testamento de Adão. *Anais*, XII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 7p. 2003.
- CARDIM, Fernão. *Tratados da Terra e Gente do Brasil*, Rio de Janeiro, 206p. 1980.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Vingança e Temporalidade. *Journal de la Société des Américanistes*. Tome 71, p.191-208, 1985.
- CORDEIRO, Jeanne. (Org.) *Arqueologia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, LAB/LLX, 103p. 2011.
- CORDEIRO, Jeanne. A Primeira face da tradição: os Goitacá. Da História e identidade dos que não deitaram letras. In: ANDRADE LIMA, Tania (Org.). *Identidades Étnicas em Arqueologia: possibilidade e limites*. Série Livros, Museu Nacional, UFRJ, Arqueologia, UFRJ Editora, p. 47-65, 2015.
- CORDEIRO, Jeanne; BUARQUE, Angela; TÁBOAS, Alice. O sítio Serrano: franceses e tupinambá desconheciam o testamento de Adão II, *Revista de Arqueologia*, vol. 32, nº 2, p. 225-238, 2019. DOI: <https://doi.org/10.24885/sab.v32i2.722>

- CORRÊA, Ângelo Alves. *Pindorama de Mboia e Iacaré: continuidade e mudança na trajetória das populações Tupi*. 2014. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 462p. 2014.
- CORRÊA, Ângelo Alves. Datações na Bibliografia Arqueológica Brasileira a partir dos sítios Tupi, *Cadernos do Lepaarq*, vol. XIV, nº 27p. 379-406, 2017.
- DE BRY, Théodore. *Le Théâtre du Nouveau Monde*, Découvertes Gallimard Albums, France. 1992.
- DENIS, Ferdinand. *Uma Festa Brasileira celebrada em Rouen em 1550: teogonia dos antigos povos do Brasil, um fragmento do século XVI*. Usina de Idéias Editora, Comunicação e Cultura Ltda. 2007.
- DIAS, Ondemar; PANACHUK, Lílían. Características da Tradição Tupiguarani no Sudeste do Brasil. In: PROUS, André; ANDRADE LIMA, Tânia (Eds.), *Os ceramistas Tupiguarani*, Vol. I (Sínteses Regionais), IPHAN, Gráfica Editora Sigma LTDA, p. 91-116, 2008.
- DUBIN, Louis Sherr. *The History of Beads from 30.000 AC to the present*. New York, Thames & Hudson, 2007.
- ETCHEVARNE, Carlos. Os grupos Tupi na Bahia. Uma abordagem arqueológica. In: LOURES DE OLIVEIRA, Ana Paula de Paula. (org.). *Estado da Arte das Pesquisas Arqueológicas sobre a Tradição Tupiguarani*. Juiz de Fora: Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, p.111-130, 2009.
- GASPAR, Maria Dulce. *Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro*, Jorge Zahar Editor, 89p., 2000.
- GASPAR, Maria Dulce. Soberanos da Costa, *Resumos*, SAB. A Arqueologia no Novo Milênio, Rio de Janeiro, 43p., 2001.
- GASPAR, Maria Dulce; BUARQUE, Angela; CORDEIRO, Jeanne; ESCÓRCIO, Eliana. Tratamento dos Mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Nº 17, p. 169-189, 2007.
- KNEIP, Lina. Cultura Material e Subsistência das Populações Pré-históricas de Saquarema. Rio de Janeiro. *Documento de Trabalho, Série Arqueologia*. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2, p. 1-120, 1994.
- KNEIP, Lina; MACHADO, Lilia Cheuiche. Os ritos Funerários das Populações Pré-históricas de Saquarema, RJ: Sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha. *Documento de Trabalho n. 1, Série Arqueologia*. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 1993.
- LAGROU, Els. No Caminho da Miçanga: arte e alteridade entre os ameríndios. Disponível em *Revista dos alunos do PPGAS-UFRJ*, v.12(1), pp. 18-49, junho, 2013 [on-line].
- LATINI, Rose Mary. Caracterização, Análise de Datação de Cerâmicas Arqueológicas da Bacia Amazônica através de técnicas Nucleares. *Tese de Doutorado*, 1998. Universidade Federal Fluminense, 142p.
- LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Coleção Reconquista do Brasil, Edição da Universidade de São Paulo, 302p. 1980.
- LÉRY, Jean de. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil* (1578). Comentado e anotado por Frank Lestringant, Le Livre de Poche, 670p. 1994.
- LIMA, Gelson Rangel. *Esboço Preliminar de um Estudo Geomorfológico da Folha de Araruama*, II Simpósio de Fotografia Aérea, Rio de Janeiro, p. 51-53. 1965.
- LIMA, Tania Andrade. Os Ceramistas Tupiguarani, esses desconhecidos. In: PROUS, André; ANDRADE LIMA, Tania (Eds.). *Os ceramistas Tupiguarani: eixos temáticos*, v.3, Superintendência do Iphan de Minas Gerais, p. 173-216. 2010.

- MACÁRIO, Kita, C. D. *Preparação de amostras de Radiocarbono e Aplicações de AMS em Arqueologia e Geologia Marinha*. 2003. Tese (Doutorado em Física). Instituto de Física da Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro.
- MAGESTE, Leandro Elias Canaan. *Cronologia e Variabilidade. Os Ceramistas Tupiguarani da Zona da Mata Mineira e do Complexo Lagunar de Araruama*. 2017. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 467p. 2017.
- NOELLI, Francisco Silva; BROCHADO, José Proenza. O cauim e as beberagens dos Guarani e Tupinambá: equipamentos, técnicas de preparação e consumo. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 8:117-128, 1998.
- NOELLI, Francisco Silva; BROCHADO, José Proenza; CORRÊA, Ângelo Alves. A linguagem da cerâmica Guarani: sobre a persistência das práticas e materialidade (parte 1). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, 10 (2), p. 167-200, 2018. DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v10i2.20935>.
- NOELLI, Francisco Silva; SALLUM, Marianne. A cerâmica paulista: cinco séculos de persistência de práticas Tupiniquim em São Paulo e Paraná. *MANA* 25(3): 701-742. 2019. DOI <https://dx.doi.org/10.1590/1678-49442019v25n3p701>.
- PELLINI, José Roberto. Onde Está o Gato? Realidade, Arqueologia Sensorial e Paisagem. *Habitus*, Goiânia, 9 (1):17-31, 2011.
- PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Performed Alliances and Performative Identities: Tupinambá in the kingdom of France. In: GRAHAM, Laura R.; GLENN PENNY, H. (eds.). *Performing indigeneity: global histories and contemporary experiences*. Lincoln: University of Nebraska Press, p. 110-135, 2014.
- PRIMO, Paulo Bidegain da Silveira; BIZEERRIL, Carlos Roberto S. Fontenelle. *Lagoa de Araruama, Perfil Ambiental do Maior Ecossistema Lagunar Hipersalino do Mundo*. Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, Estado do Rio de Janeiro. Projeto Planágua Semads/GTZ, Cooperação Técnica Brasil-Alemanha, 12, 160p. 2002.
- PROUS, André. A Pintura na cerâmica Tupiguarani. In: PROUS, André; LIMA, Tania Andrade, (Org.). *Os Ceramistas Tupiguarani*, IPHAN-MG, 2, p. 113-215, 2010.
- RIBEIRO, Loredana; JÁCOME, Camila. Tupi ou não tupi? Predação material, ação coletiva e colonialismo no Espírito Santo, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 9, n.2, p. 465-486, maio-ago. 2014.
- SALVADOR, Frei Vicente. *História do Brasil (1500-1627)*. Editora Itatiaia Ltda e Ed. da Universidade de São Paulo, 7ª ed., 437p. 1982.
- SALVADOR, Frei Vicente. *Historia do Brazil*. Edição e Introdução de Maria Lêda Oliveira, Versal Editores, 1, 344p. 2008.
- SCHEEL-YBERT, Rita. Vegetation Stability in the Southeastern Brazilian Coast Area from 5500 to 1400 14C yr BP deduced from charcoal analysis. *Review of Palaeobotany and Palynology*, 110: 111-138, 2000.
- SCHEEL-YBERT, Rita; MACARIO, Kita; BUARQUE, Angela; MEIGIKOS, Roberto Anjos; BEAUCLAIR, Mariana. A new age to an old site: the earliest Tupiguarani settlement in Rio de Janeiro State. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*. Rio de Janeiro, 80 (4), p. 763-770, 2008.
- SOARES DE SOUSA, Gabriel. *Tratado Descritivo do Brasil de 1587*. Editora Brasileira, v.117, 380p. 1971.
- STADEN, Hans. *Duas Viagens ao Brasil*. Coleção Reconquista do Brasil, Ed. da Universidade de São Paulo, 216p. 1974.
- STADEN, Hans. 1979 *Nus, féroces et anthropophages (1557)*. Éditions A. M. Métailié, Paris, 231p.

- THEVET, André. *Singularidades da França Antártica, a que outros chamam de América*, Série 5ª, Vol. 229, Companhia Editora Nacional. 1944.
- THEVET, André. *Les Singularités de la France Antarctique. Le Brésil des Cannibales au XVIe siècle*, LD/La Découverte, Paris, 173p. 1983.
- THEVET, André. *Le Brésil d'André Thevet. Les Singularités de la France Antarctique (1557)*. Éditions Chandeigne, Paris, 446p., 1997.
- THEVET, André. *Histoire d'André Thevet Angoumois, cosmographe du Roy, de deux Voyage par luy faits aux Indes australes et occidentales*. Edition critique par Jean-Claude Laborie & Frank Lestringant. Librairie Droz SA, 496p. 2006.
- VELTHEM, Lúcia Hussak van. "Feito por inimigos": Os brancos e seus bens nas representações Wayana do contato. In: *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte amazônico [en ligne]*. Marseille: IRD Éditions, 2002, (acesso em 30 de março de 2020), 20p.
- VINHOSA, Luiza. *A cultura material tupiguarani dos sítios arqueológicos de Araruama, Rio de Janeiro: O que dados arqueológicos "mudos" têm a dizer sobre as sociedades tupinambá?* Dissertação de Mestrado, 2018. Museu Nacional, 139p.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté, os deuses canibais*. Editora Zahar/ANPOCS, 1986.